

Dívida começa a ser renegociada

DIV. EXT 18 JAN 1987

Amanhã, o diretor para Assuntos de Dívida Externa, Antônio de Pádua Seixas, começa na Europa as conversações com o Clube de Paris para a rolagem do principal da dívida brasileira para com os membros do Clube relativos a 85, 86 e 87. O Clube de Paris é uma associação informal que reúne países credores, a maioria membros da Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE). Os países se reúnem no chamado Clube de Paris para, juntos, renegociarem as dívidas de outros países para com esses países membros.

Durante toda a semana passada, o Presidente do Banco Central, Fernão Bracher, circulou por Washington e Nova Iorque. Na capital dos Estados Unidos, buscava apoio do governo norte-americano nas negociações que começam amanhã no Clube de Paris. Em Nova Iorque, tentava conseguir dinheiro novo junto aos principais bancos credores do Brasil. Ao que tudo indica, Bracher reassume seu gabinete no 19º andar do Banco Central sem ter conseguido nem uma coisa nem outra.

AMORTIZAÇÃO

Antônio de Pádua Seixas vai ao Clube de Paris tentar reescalonar as amortizações previstas para 85, 86 e 87, cujo o total é 2,3 bilhões de dólares. O Clube de Paris, até o momento, tem como exigência para conversar renegociação de dívida, o aval do FMI. Embora Pádua Seixas garanta que o Clube de Paris recebeu bem a fórmula de relacionamento do Brasil com o Fundo Monetário Internacional, a recusa do Brasil em aceitar o monitoramento do FMI pode dificultar a negociação com o Clube. Algumas notícias vindas semana passada dos Estados Unidos, mas não admitidas pela assessoria de imprensa do Banco

Central, davam conta de que Fernão Bracher já admitia uma nova ida ao FMI, prontamente negada pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

PIORANO

A má situação econômica do Brasil na virada do ano também parece atrapalhar um pouco as possibilidades do Brasil sair-se bem em Paris. Na semana passada, Bracher teve que amargar ouvir de um banqueiro americano, durante a sua peregrinação, que todos os números externos em 86 foram favoráveis ao Brasil: o petróleo esteve barato, as taxas de juros no mercado internacional caíram. Mesmo assim, na avaliação desse banqueiro, o Brasil teve um dos piores anos na sua economia.

ACORDO MASTER

É essa a disposição que Pádua Seixas encontrará junto aos credores brasileiros no Clube de Paris. Se for feliz nessa negociação, o reescalonamento da dívida externa brasileira segue o seguinte caminho: no Clube de Paris é feito o acordo padrão — ou acordo Master — como países credores, onde se acertam prazos e condições de pagamento. Numa segunda fase, o Brasil parte para negociar bilateralmente com cada um dos credores.

NEGOCIAÇÃO

É nesse momento que são negociadas as taxas de juros efetivas dessas operações. Com relação ao total da dívida externa, o objetivo brasileiro, segundo Pádua Seixas, é conseguir com os bancos internacionais uma renegociação plurianual, que abrangeria um período de cinco a seis anos, para as amortizações futuras, e tentar obter uma redução significativa das taxas de risco -spreads- pagos pelo Brasil.